



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C748	Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no oeste do Paraná [recurso eletrônico] : os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani / Organizadores Wagner Roberto do Amaral, Elisa Yoshie Ichikawa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-822-9 DOI 10.22533/at.ed.229192711 1. Demarcação de terras – Paraná. 2. Índios da América do Sul – Posse da terra – Paraná. 3. Reservas indígenas. I. Amaral, Wagner Roberto do. II. Ichikawa, Elisa Yoshie. CDD 980.4114
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

A capa deste livro homenageia o Sr. Claudio Barros e a Sra. Vitória Nunes, importantes lideranças Avá-Guarani pertencentes ao Tekohá Porã, município de Guaíra/PR. O Sr. Claudio faleceu no dia 07 de janeiro de 2019, com 105 anos, sendo uma referência histórica de luta, inspiração e resistência para o povo Avá-Guarani e para todos nós. Claudio Barros, presente!

AGRADECIMENTO

Livro produzido com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais.

Agradecemos a todas as comunidades Avá-Guarani da região Oeste do Paraná que acolheram a nossa equipe de pesquisa e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e a compor conosco esta obra. O nosso respeito, admiração e compromisso para com a luta pela conquista do território Guarani na perspectiva de uma terra sem males.

INTRODUÇÃO

Esse nosso livro é resultado de pesquisas realizadas junto aos *tekoha* Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, produzido com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais. Tal edital apresentava como objetivo “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em livros que deverão focar processos e episódios (revoltas, insurreições, rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros) que, ao longo da história brasileira do período republicano, tenham sido expressão da conflitividade social e significativos para o entendimento da construção do Estado e da sociedade brasileira, com valorização de episódios pouco estudados da história brasileira”.

Esse edital possibilitou a aproximação e a articulação de docentes pesquisadores de três universidades estaduais do Paraná - sendo a Universidade Estadual de Maringá, a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - e da Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” USP/ESALQ. Todos esses docentes já possuíam um vínculo com pesquisas associadas a temáticas sociais nas suas diferentes áreas, seja na Administração ou no Serviço Social. Provocados pelo conteúdo progressista do edital e orientados por suas diferentes trajetórias de pesquisas, nossa equipe de pesquisadores passou a elaborar uma proposta a ser submetida. A forte inspiração da equipe nesse momento de proposição foi a profunda resistência do povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, já conhecida e acompanhada por parte dos pesquisadores.

No Paraná habitam três povos indígenas distintos, sendo o povo Kaingang, o povo Guarani e o povo Xetá, existindo ainda a presença de famílias Xokleng/Laklano nesse território. Cada um desses grupos étnicos e de suas comunidades possuem distintas cosmologias, distintas relações e formas de utilização das línguas indígenas e da língua portuguesa, assim como diferentes formas de organização econômica e política interna, e histórias semelhantes e dessemelhantes na relação com o Estado e com os demais movimentos sociais. No cenário paranaense – considerando que a presença indígena nesse território antecede a constituição administrativa e política do que chamamos de “Paraná” – encontramos históricas expressões de massacres, violências, expropriação dos territórios tradicionais pelo Estado e pelos empreendimentos colonizadores e capitalistas. Outrossim, também é nesse território que encontraremos profundas expressões de lutas e de resistências, seja pelo reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, seja pelos direitos à educação escolar indígena, à saúde indígena, dentre outros.

Foi a partir desse cenário que escolhemos como *locus*, fonte e inspiração

da pesquisa as memórias de lutas e resistências do povo Avá-Guarani que habita historicamente a região Oeste do Paraná. A partir das referências que a equipe de pesquisa já dispunha sobre a realidade desta população naquela região, empreendemos a elaboração da proposta que foi submetida e aprovada junto à Capes. A proposta submetida no mês de outubro de 2015 foi aprovada apenas no mês de novembro de 2016. Foi intitulada como “Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”. Seu alongado título reflete justamente os desafios que se apresentam às comunidades Avá-Guarani daquela região na retomada dos seus territórios tradicionais, bem como em serem humanamente reconhecidos como sujeitos de direitos e como protagonistas e referências vivas de um patrimônio histórico, cultural e linguístico fundamental para as gerações. A escolha de categorias como: “conflitos”, “resistências”, “demarcação”, “lideranças” e “cultura Guarani” refletem ainda a perspectiva política e acadêmica da equipe.

O projeto apresentou como seu principal objetivo investigar as históricas situações de conflito e as expressões de resistência política, cultural, linguística e territorial do povo Guarani na história do território paranaense, fundamentalmente, na região da fronteira Oeste deste estado, evidenciando a emergência e os percursos das lideranças desse grupo étnico diante das violências praticadas pelo Estado brasileiro e por agentes privados que vivem na região. Constituímos ainda dois eixos temáticos orientadores para as pesquisas sendo: a formação e atuação de lideranças Avá-Guarani e suas organizações, e o papel da educação escolar e da escola Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência.

Dentre os recursos financeiros disponibilizados, havia a previsão de seleção e bolsa pesquisa para dois mestrados, dois pós-doutorandos e quatro estudantes de graduação em iniciação científica. Enquanto princípio da equipe em contribuir com o protagonismo e a formação de pesquisadores indígenas, dos dois mestrados uma é pertencente ao povo Kaingang e dos quatro graduandos de iniciação científica três pertencem ao povo Guarani sendo um deles Avá-Guarani e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Buscamos por vários estados brasileiros possíveis candidatos à bolsa de pós-doutorado, mas não conseguimos identificar doutores indígenas disponíveis para esta tarefa¹.

1 Importante destacar que o ingresso e a permanência de indígena na educação superior no Brasil e na América Latina enquanto uma política pública educacional é recente, sendo que a primeira política de ingresso de indígenas realizada no país ocorreu pelas Universidades Estaduais do Paraná no ano de 2002 por meio da Lei Estadual n. 13.134/2001. Para maiores informações ver: AMARAL, Wagner R. (2010). As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acessado em 25/09/2019, em: http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf e AMARAL, W. R.; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). Universidade para indígenas: a experiência do Paraná. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP. Acessado em 25/09/2019, em: <http://>

Como não tivemos tempo suficiente para apresentar e discutir o projeto com as lideranças Avá-Guarani da região Oeste do Paraná (tendo em vista os reduzidos prazos para sua elaboração e submissão), tomamos como centralidade e princípio a tarefa de submetê-lo para apreciação das referências mais importantes nos *tekohas* daquela região. Portanto, no dia 20 de julho de 2017, a equipe reuniu caciques e lideranças Avá-Guarani de toda a costa oeste do Paraná na cidade de Guaíra com a intenção de apresentar e obter um parecer das lideranças acerca da proposta. Nesta ocasião, nossa equipe já estava ampliada com a presença de bolsistas de mestrado, de pós-doutorado e de iniciação científica. Fundamental nesta ocasião foi a atuação de Rodrigo Luís, estudante Avá-Guarani de Medicina na UEL, bolsista de iniciação científica no projeto e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Sua atuação como mediador e tradutor da língua Guarani contribuiu imensamente para a legitimação das ações do projeto.

A reunião da equipe do projeto com as lideranças Avá-Guarani produziu um pacto de compromisso entre os pesquisadores e os/as representantes das comunidades indígenas do Oeste do Paraná. Neste pacto, os pesquisadores apresentaram a intenção de produzir um livro didático voltado às escolas Avá-Guarani sendo esta intencionalidade debatida e revisitada a partir do pedido das lideranças indígenas de que tal livro fosse voltado não às crianças Avá-Guarani, mas às crianças e jovens não indígenas das escolas não indígenas da região, entendendo a necessidade de combater os preconceitos que sofrem cotidianamente pela população. Entendiam como fundamental a elaboração de materiais didáticos que difundam a memória de existência e resistência do povo Avá-Guarani na região.

Na ocasião deste encontro, fomos convidados a visitar os *tekoha* da região, sendo um localizado no município de Guaíra e outro no município de Terra Roxa. Foram momentos fundamentais de conexão à realidade vivenciada nos territórios indígenas na região, sendo amorosamente acolhidos e abençoados pelos *xamõi* e moradores destas comunidades de retomada. Seja iluminados pela lua e as estrelas ou no sol forte do solo arenoso dos *tekohas*, nos sentimos profundamente inspirados com tanta força e tanta luta!

Após este encontro, buscamos encaminhar os trâmites formais para iniciarmos a pesquisa sendo necessário a submissão e apreciação da proposta junto ao Comitê de Ética de Pesquisas de Seres Humanos e a autorização da Fundação Nacional do Índio. Em paralelo, realizamos seminários de formação conceitual da equipe para compreendermos melhor a realidade sociocultural, econômica e política da população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. No primeiro seminário realizado no mês de maio de 2017 (antes de partirmos para o encontro com as lideranças Avá-Guarani em Guaíra), contamos com a presença e participação da pesquisadora

Maria Lucia Brant de Carvalho, que socializou conosco aspectos da realidade da população Avá-Guarani na região, fundamentalmente a partir dos impactos da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os demais seminários realizados foram mediados por artigos e resultados de pesquisas que tematizavam a realidade Avá-Guarani, já resultados das revisões bibliográficas realizadas pelos bolsistas, assim como para organização das atividades da equipe.

Com a autorização do Comitê de Ética e da FUNAI, iniciamos as atividades de pesquisa. Programamos e realizamos três missões de pesquisa sendo a primeira realizada no período de 02 a 04 de agosto de 2018 no município de São Miguel do Iguçu/Paraná; a segunda, realizada no período de 06 a 08 de setembro de 2018 no município de Diamante do Oeste; e a terceira realizada no período de 22 a 24 de novembro de 2018 em Guaíra.

Em todas as missões realizadas nos impressionava a amorosa acolhida das lideranças, *xamõi*, *chary'i* e de todas as comunidades visitadas. A partir da primeira missão realizada, fomos convidados a nos apresentar na Casa de Reza, espaço sagrado para os Avá-Guarani. A partir daquela experiência de acolhimento e de mergulho dialógico com a cosmologia Guarani, revisitamos toda a programação passando a ressignificar a organização do tempo e a nos sintonizarmos ainda mais com as dinâmicas das comunidades.

Em cada missão, nos organizamos para realizar momentos simultâneos de encontro da equipe de pesquisa para socialização das pesquisas realizadas, bem como de diálogos com professores, lideranças e pesquisadores Avá-Guarani. Em todas as missões contamos com o apoio das equipes das escolas estaduais indígenas², sendo que as oficinas foram realizadas utilizando a estrutura desses espaços, assim como as refeições em todos os dias, compartilhada com todos os participantes indígenas e não indígenas das oficinas, aspecto que possibilitou maior aproximação com as comunidades.

Sem dúvida alguma, os momentos mais fortes para toda a equipe de pesquisa foram os vivenciados e sentidos no interior das *Opy*, das Casas de Reza, encontrando nelas – nos rituais, cantorias, nos conselhos, nas bênçãos, na amorosidade, na generosidade e no cuidado por eles compartilhado – o sentido da existência e resistência Avá-guarani.

Entre os andarilhos pelos diferentes *tekohas* do Oeste do Paraná, a pesquisa realizada contou com diversos sujeitos Ava-Guarani entrevistados, por meio da participação de jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, *xamõi*, *chary'i*,

2 Ressaltamos que os membros da coordenação do projeto esteve em reunião com a equipe da Coordenação da Educação Escolar Indígena/Diretoria da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa, contando nesta ocasião com o apoio e aprovação desta instituição e o respaldo para que as escolas estaduais indígenas da região oeste do Paraná acolhessem as atividades propostas.

lideranças, professores e estudantes indígenas convidados a somar conosco nesta empreitada de investigação. Contou ainda com a participação de sujeitos não indígenas como diretores das escolas estaduais indígenas e professores e pedagogos das escolas estaduais não indígenas.

As entrevistas e a literatura acessada por meio da revisão bibliográfica evidenciaram ainda diferentes formas de apresentar as categorias e expressões em Guarani, não tendo a pesquisa e esse livro nenhuma intenção de padronizá-las, pelo contrário, evidenciamos o nosso respeito às diferenças linguísticas existentes entre as parcialidades do povo Guarani compreendendo a riqueza cultural nelas presentes.

A partir desse percurso de diálogos, de interculturalidades e de profundas aprendizagens pelos pesquisadores *karaí* ou *jurua* (os não indígenas, para os Avá-Guarani), encontramos a inspiração para a organização deste livro. Mais do que o resultado da sistematização de conhecimentos científicos e acadêmicos produzidos pela equipe de pesquisa com pesquisadores convidados, esta obra se apresenta como mais um instrumento de luta para o povo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná, assim como para toda a nação Guarani espalhada pelos diferentes estados brasileiros e os cinco países do cone-sul.

Este livro apresenta quinze capítulos que versam especificamente sobre diferentes aspectos da realidade e da memória Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná. Por ser Guarani, essa população mantém seu *ñandereko* (modo de viver Guarani) através dos seus andarilhos pelo seu território ancestral, existente anteriormente aos tratados, disputas e invasões territoriais feitas pela colonização europeia ou pelos acordos político-administrativos entre os estados brasileiros e nos cinco países do Cone Sul da América. Este livro parte então do pressuposto da existência ancestral de um território Guarani de dimensões continentais contemporaneamente espalhado em 1.400 *tekohas*, explicitado pelo capítulo "*Territorialidades e resistências históricas: panorama continental e atualidades do povo Guarani*", de autoria de Clovis Brighenti. Inicia-se, desta forma, a explicitação de uma das posições mais importantes desta obra: o povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, pertencente ao povo Guarani, já habitava esse território há cerca de dois mil anos atrás, bem antes da ocupação e fundação das cidades de Guaíra, Terra Roxa, Diamante do Oeste, Santa Helena, São Miguel do Iguçu, dentre outras. Deste modo, são populações originárias e com direitos fundamentais de ocupar seus territórios tradicionais e ancestrais.

É na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina que o povo Guarani também vivenciará sagas históricas marcadas por massacres e por resistências. Uma das sagas mais contemporâneas constituída em nome do desenvolvimento nacional foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que alagou muitos territórios

tradicionais Guarani. É nessa perspectiva que Maria Lucia Brant de Carvalho nos apresenta o capítulo *“Os Guarani da Tríplice Fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina: os direitos às terras, à mobilidade espacial por entre as fronteiras e à cidadania”*.

No terceiro capítulo denominado *“Tekoha Jevy: um breve panorama das retomadas Guarani no Oeste do Paraná”*, sendo um dos territórios tradicionais de resistência na região, Paulo Porto refletirá acerca do que denomina como diáspora Guarani provocada historicamente pelas forças colonizadoras e mais contemporaneamente pelo Parque Nacional de Iguaçu e da Itaipu Binacional, sinalizando, contudo, os processos de retomada dos territórios tradicionais (*Tekohas*) e em busca do *Tekoa Guasu*.

A partir do quarto capítulo *“Territorialidade e demarcação de terras: a dimensão simbólica do espaço para produção de alimentos na cultura Avá-Guarani”* de autoria de Luciano Mendes e Carolina Ferraz dos Santos, iniciamos as reflexões desenvolvidas a partir do trabalho de pesquisa de nossa equipe junto aos *tekohas* da região Oeste do Paraná. Tal capítulo pauta e dialoga com as práticas de produção de alimentos a partir da dimensão simbólica Avá-Guarani, tendo em vista que os autores estão vinculados a uma tradicional instituição de educação superior da área de ciências agrárias, sociais e ambientais no Brasil, problematizando e refletindo a temática indígena.

O quinto capítulo do livro reflete acerca das *“Estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-guarani sob a perspectiva da Psicologia Social Latino-americana (PCSLA)”*, tendo como autoras Juliane Sachser Angnes, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Rozeli Aparecida Menon. Essa reflexão se orienta em um dos eixos da pesquisa que centra a importância da formação e do papel da liderança Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência política e cultural.

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira e Wagner Roberto do Amaral apresentam o sexto capítulo desta obra, *“Relatando uma experiência de pesquisa e de luta no movimento social indígena, vivenciada por uma estudante indígena na pós-graduação”*. O texto apresenta a narrativa dialógica de uma pesquisadora Kaingang bolsista do projeto (junto com seu orientador de mestrado) que inicia seu percurso como investigadora buscando analisar o papel das mulheres Avá-Guarani enquanto lideranças de seu povo. Texto de significativa alteridade entre mulheres lideranças.

Na lógica da formação de lideranças Avá-guarani, Cynthia Franceska Cardoso, Wagner Roberto do Amaral e Elisa Yoshie Ichikawa apresentam o capítulo *“Os mais velhos e a juventude Avá-Guarani: a memória como estratégia de resistência”*, identificando e analisando os encontros produzidos entre os grupos de jovens Avá-guarani e os *xamõis* dos *tekohas* da região oeste do Paraná. Problematizam o conceito de juventude e de juventude indígena, bem como a situa nos contextos de opressão vivenciados pelos jovens indígenas na região estudada.

O oitavo capítulo versará sobre *“Os conflitos para a reconquista e demarcação de territórios Avá-Guarani no Oeste do Paraná: a produção de representações sociais pela mídia”*, tendo como autores Samuel Osório Ribeiro da Silva e Elisa Yoshie Ichikawa. Refletem o conceito de representação social associada às estratégias de comunicação, analisando os conteúdos de matérias jornalísticas sobre os Avá-Guarani da região oeste do Paraná, fundamentalmente sobre a questão fundiária e o posicionamento dos veículos de mídia.

Dialogando com a área dos estudos organizacionais e com a psicologia da libertação de Martin Baró, Luis Fernando Moreira da Silva, Marcio Pascoal Cassandre e Wagner Roberto do Amaral focam o nono capítulo refletindo sobre *“As casas de reza como comunidades de prática em territórios Avá-Guarani do Oeste do Paraná”*. Sinalizam que as casas de reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente.

O décimo capítulo desta obra versa sobre *“O ensino da história e da cultura Avá-Guarani pelas escolas estaduais não indígenas no município de Guaíra-PR”*. Os autores Eloá Soares Dutra Kastelic e Wagner Roberto do Amaral refletem sobre a importância da Lei n. 11.645/2008 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino do país e analisam mais diretamente as concepções e práticas de duas escolas estaduais não indígenas que possuem estudantes Avá-Guarani nelas matriculados.

O décimo primeiro capítulo *“Um Avá-Guarani com uma câmera na mão”* de autoria de Mônica Panis Kaseker, Lucas Ribeiro e Yago Junio dos Santos Queiroz apresenta a narrativa da experiência de produção do vídeo documentário junto às lideranças Avá-Guarani nos diferentes *tekohas* onde se realizou a pesquisa. O trabalho de gravação e de autoria do texto foi vivenciado em conjunto com um estudante indígena do curso de jornalismo, evidenciando inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade.

Os quatro capítulos finais deste livro apresentam as narrativas dos quatro estudantes Guarani bolsistas de iniciação científica do projeto. Oséias Poty Miri Florentino apresenta *“Um relato de um indígena Guaraní Mbya: conhecendo um fragmento da realidade e do contexto de luta dos Ava-Guaraní da região Oeste do Paraná”*; Rodrigo Luís, apresenta a *“História e trajetória de um acadêmico Avá-Guarani pesquisador em busca da visibilidade para seu povo, na luta pela demarcação e a universidade como ferramenta de luta”*; Alexandro da Silva apresenta *“As experiências de formação de pesquisadores Guarani – ser acadêmico Guarani-Ñandéva e Guarani-Mbyá conhecendo o universo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná”*; e Uerique Aparecido Gabriel Matias apresenta *“Um relato de experiência: memórias*

e resistência dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná como pesquisador Guarani Ñandéva". Quatro sujeitos Guarani pertencentes a três diferentes parcialidades - Guarani Mbya, Guarani-Ñandéva e Avá-Guarani – experimentando serem Guarani e, simultaneamente, serem pesquisadores do seu povo, articulados em torno da memória e das lutas das comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

Por fim, este livro pretende se constituir em mais uma das demais referências já produzidas e as que ainda virão para fortalecer a memória de existência, re-existência e de resistência do povo Guarani! Desejamos que a leitura destes textos inspire ainda mais o nosso compromisso para com os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Novembro de 2019.

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI	
Clovis Brighenti	
DOI 10.22533/at.ed.2291927111	
CAPÍTULO 2	14
OS GUARANI DA TRÍPLICE FRONTEIRA, BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA: OS DIREITOS ÀS TERRAS, À MOBILIDADE ESPACIAL POR ENTRE AS FRONTEIRAS E À CIDADANIA	
Maria Lucia Brant de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.2291927112	
CAPÍTULO 3	40
TEKOHÁ JEVY: UM BREVE PANORAMA DAS RETOMADAS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ	
Paulo Porto	
DOI 10.22533/at.ed.2291927113	
CAPÍTULO 4	56
TERRITORIALIDADE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CULTURA AVÁ-GUARANI	
Luciano Mendes Carolina Ferraz dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2291927114	
CAPÍTULO 5	70
ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)	
Juliane Sachser Angnes Maria de Fátima Quintal de Freitas Rozeli Aparecida Menon	
DOI 10.22533/at.ed.2291927115	
CAPÍTULO 6	84
RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira Wagner Roberto do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.2291927116	
CAPÍTULO 7	103
OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA	
Cynthia Franceska Cardoso	

Wagner Roberto do Amaral

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927117

CAPÍTULO 8 117

OS CONFLITOS PARA A RECONQUISTA E DEMARCAÇÃO DE TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ: A PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELA MÍDIA

Samuel Osório Ribeiro da Silva

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927118

CAPÍTULO 9 128

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AVÁ-GUARANI PELAS ESCOLAS ESTADUAIS NÃO INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE GUAÍRA-PR

Eloá Soares Dutra Kastelic

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.2291927119

CAPÍTULO 10 144

AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

Luis Fernando Moreira da Silva

Marcio Pascoal Cassandre

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.22919271110

CAPÍTULO 11 158

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Mônica Panis Kaseker

Lucas Ribeiro

Yago Junio dos Santos Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.22919271111

CAPÍTULO 12 171

UM RELATO DE UM INDÍGENA GUARANÍ *MBYA*: CONHECENDO UM FRAGMENTO DA REALIDADE E DO CONTEXTO DE LUTA DOS AVA-GUARANÍ DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Oséias Poty Miri Florentino

DOI 10.22533/at.ed.22919271112

CAPÍTULO 13 177

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM ACADÊMICO AVÁ-GUARANI PESQUISADOR EM BUSCA DA VISIBILIDADE PARA SEU POVO, NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA DE LUTA

Rodrigo Luís

DOI 10.22533/at.ed.22919271113

CAPÍTULO 14	185
AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES GUARANI – SER ACADÊMICO GUARANI-ÑANDÉVA E GUARANI-MBYÁ CONHECENDO O UNIVERSO AVÁ-GUARANI DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	
Alexandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.22919271114	
CAPÍTULO 15	189
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ COMO PESQUISADOR GUARANI ÑANDÉVA	
Uerique Aparecido Gabriel Matias	
DOI 10.22533/at.ed.22919271115	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	192

ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)

Data de aceite: 19/11/2019

Juliane Sachser Angnes

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com Pós-Doutorado em Administração pela Universidade Estadual de Maringá. Professora Associada do Mestrado Profissional em Administração e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Pesquisadora colaboradora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com Pós-Doutorado em Psicologia Comunitária pelo ISPA (Instituição Universitária de Psicologia Aplicada - Lisboa) e pela Universidade do Porto (Portugal). Professora Associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Rozeli Aparecida Menon

Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Professora da graduação do curso de Economia da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO).

INTRODUÇÃO

As lideranças indígenas trazem consigo memórias históricas de lutas, marcadas por repulsas e preconceitos da sociedade não indígena. Os acontecimentos históricos, ao longo dos séculos, justificam essas lutas que tais lideranças ainda travam junto com seu povo para o reconhecimento de seus direitos perante à sociedade.

Por este motivo ocorrem as resistências e o papel das lideranças torna-se fundamental para que, pelas estratégias psicossociais, os seus direitos possam ser visibilizados e legitimados. Os líderes indígenas (caciques) podem se articular politicamente para serem ouvidos pelas autoridades governamentais, tentam diálogos como uma maneira de argumentação (BAINES, 2000).

Este texto procura trazer uma discussão das principais estratégias psicossociais de resistência utilizadas pelas lideranças indígenas Avá-Guarani da Região Oeste do Paraná para enfrentar as dificuldades nas suas comunidades e preservar a identidade do seu povo. A pesquisa com os caciques de 14 comunidades foi para entender como procedem essas articulações.

Com este propósito, as estratégias

psicossociais das lideranças Avá-Guarani se enquadram na psicologia social comunitária latino-americana, uma perspectiva que está inserida no campo social, que engloba o segmento histórico, a cultura, a política e a realidade dos sujeitos (ROBERTAZZI, 2011).

Deste modo, as práticas em comunidades, a forma coletiva de vida no que concerne ao contexto da realidade social, da identidade, da cultura e de estratégias psicossociais deliberadas, nos locais da organização social, atribui-se como estratégias psicossociais de resistência. As lideranças indígenas as utilizam como forma de melhorar as condições de vida de seu povo.

Por isto, as lideranças indígenas Avá-Guarani, mesmo diante da necessidade de gerir as suas comunidades, tentam manter suas formas de liderar conforme o consenso da comunidade, desconsiderando os padrões não indígenas e considerando as dificuldades em relação às transformações que estes padrões poderiam ocasionar, seguindo com seus estilos próprios, tais como: suas práticas sociais, valores, tradições e modos de viver.

PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA

A psicologia social latino-americana tem como base de estudo a formação social do sujeito, na sua relação individual e coletiva, pela inter-relação social na qual sofre influência. A perspectiva da psicologia social é estudar a ideologia humana, a sua socialização com outras pessoas. Além da orientação para que o indivíduo perceba a sua verdadeira realidade (MARTIN-BARÓ, 1998).

O estudo da psicologia social latino-americana surge no intuito de modificar a esfera da sociedade e de transformar o contexto, desencadeado por problemas sociais, que retrata a realidade social da população e traz consigo um andamento histórico, desde o experimento até a preocupação com os problemas da conjuntura de crises e de desigualdades, que acarreta sofrimentos aos menos favorecidos. Após a II Guerra Mundial, do entendimento da psicologia social existente na Europa e nos Estados Unidos, cria-se na América Latina em 1970 o estudo, como questionamento à forma da psicologia social tradicional. Surge o princípio comunitário, voltado aos problemas sociais, que proporcionou outra visão da psicologia social (MONTERO, 2004; GONÇALVES; PORTUGAL, 2012; WIESENFELD, 2014).

A finalidade da criação da psicologia comunitária na América Latina se deu devido às condições de pobreza de comunidades carentes que necessitavam de atenção e que eram esquecidas em seu *habitat*. A partir desse intuito, as mudanças sociais foram acontecendo através da junção de organismos para melhorar o contexto social destas comunidades e promover o desenvolvimento humano (WIESENFELD, 2014).

No Brasil, a psicologia comunitária iniciou-se em meados da década de 1970, quando foram tratadas as questões sociais devido às repressões que a população sofreu durante o regime militar e também a problemas de desigualdades sociais o que repercutiu em aumento da miséria. Neste sentido, o termo relacionado à psicologia comunitária passou a ser debatido e colocado em prática para trazer mais perspectivas de futuro e desenvolver a consciência acerca da realidade em que se encontravam as pessoas (GONÇALVES; PORTUGAL, 2012).

ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA

O termo psicossocial faz menção ao aspecto subjetivo do indivíduo em conjunto com as relações sociais que este indivíduo possui em comunidade. Como exemplo, a sua identidade social. Uma das formas da questão psicossocial é a intervenção psicossocial, que é utilizada para amenizar traumas causados por várias situações, tais como: violência, discriminação, estresse, problemas de socialização, entre outros. O atributo psicossocial é uma espécie de ajuda humanitária e também de práticas que acarretam o equilíbrio emocional e a melhoria da qualidade de vida de pessoas marginalizadas (MONTANEZ; BERNAL, HEREDIA, PUERTO, 2007).

Sobre as estratégias psicossociais de resistência, as palavras de Freitas (2018, p. 92) são que a “participação e a conscientização” são consideradas ações psicossociais primordiais para que ocorram mudanças sociais de forma “justa e solidária” nas comunidades. A questão da participação deve partir das próprias relações sociais no contexto de inserção do indivíduo, das práticas e de ações ocorridas no cotidiano. Em relação à conscientização, é esta a maneira através do qual as pessoas começam a conhecer a realidade em que vivem, os seus direitos como cidadãos, o modo de ser e o que representam em um grupo social.

Montero (2006) explica o aspecto psicossocial como sendo redes de relacionamento nas quais os agentes sociais têm sensibilidade às desigualdades ou aos problemas sociais e reagem no sentido de modificar estes acontecimentos como forma de intervenção psicossocial. Este tipo de intervenção é considerado como prática psicossocial que pode partir de resistências, de lutas em prol da causa. Desse modo, as redes de relacionamento podem acarretar mudanças sociais consistentes e que vão garantir benefícios para uma comunidade como um todo. É pelas práticas psicossociais que a comunidade é fortalecida.

Freitas (2018) argumenta sobre o desafio dos profissionais que desejam a transformação social, pois necessitam atuar mais contra os problemas sociais, ou seja, empenhar-se por justiça e dignidade.

Neste ponto de destaque, para a participação e a conscientização em relação às diferenças, Martin-Baró (1998) menciona que, a partir da conscientização, criam-

se as ações como forma de resolver os problemas sociais de uma comunidade e isto, conseqüentemente, leva à sua libertação. Ou seja, a consciência traz o processo de libertação, pela reflexão em relação à repressão e à opressão, e promove as transformações no futuro das comunidades. As práticas psicossociais são atribuídas ao procedimento das relações sociais que o agente comunitário tem com os indivíduos, inseridos no contexto social. É nesta relação que o processo de conscientização acontece.

Por isto, Freitas (2018) comenta que os profissionais, envolvidos nestas ações em movimentos sociais comunitários, devem, antes de colocá-las em prática, conhecer a história de vida das comunidades e as dificuldades que enfrentam em seu cotidiano. Assim, com a compreensão da realidade das comunidades, é possível articular estratégias coletivas, com o propósito prático de trabalhos comunitários.

Portanto, a prática psicossocial comunitária está atrelada à criação de condições para que as comunidades tenham as mudanças sociais concretas, no sentido de que a participação seja ativa, gerando ações que contribuam para as melhorias das condições de vida da população oprimida. Isto não quer dizer que a sociedade e as instituições políticas não devam participar, pelo contrário, é necessário que ocorram estas relações políticas para que as ações sejam realmente positivas e as transformações sociais nas comunidades aconteçam (MONTERO, 2006).

Montero (2006) esclarece que as questões psicossociais, na perspectiva política, possibilitam para as comunidades um desenvolvimento que compete aos compromissos de cada pessoa em relação à realização de ações, que considerem as necessidades coletivas pertinentes ao planejamento de atividades rotineiras. Por este motivo, os trabalhos comunitários precisam ser avaliados e precisam ser percebidos os erros e os acertos do processo avaliativo, para que se possa posteriormente obter êxito.

Neste sentido, as transformações sociais das comunidades só acontecerão se as redes de relacionamento tiverem como propósito a solidariedade e sejam favoráveis aos oprimidos, não esquecendo o seu processo histórico-social, que é parte da memória dos indivíduos (FREITAS, 2018).

LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI

Segundo Bergamini (1994), a liderança está envolvida nas interações sociais, com outro olhar, pela ideia de trocas sociais onde o líder é visto como membro do grupo, mas que abdica de uma autoridade em termos de decisões, aconselhamentos e condução de um grupo.

Nas comunidades no caso dos indígenas, os líderes dependem estritamente da vontade de seu povo, para que possam exercer o seu papel de líder. Uma característica

marcante de um líder indígena, segundo Oliveira (2000), é dominar a linguagem, ter argumentação e seguir as normas da comunidade conforme os preceitos da ética praticada no grupo. Devido a isto, ele se torna respeitado pelas comunidades, que ouvem as suas palavras. A linguagem é imprescindível para garantir uma posição de autoridade no povoado.

Outra forma de liderança, dentro da questão social, é a abordagem psicossocial que, para Faria e Meneghetti (2011), não é uma forma de generalização, porque é preciso considerar as práticas psicossociais, que são diferentes de indivíduo para indivíduo. Os líderes influenciam os indivíduos a seguirem os seus preceitos de modo inconsciente, são como psicólogos sociais, pela sensibilidade a anseios e sentimentos.

Na liderança indígena Guarani se vê, desde os primeiros indícios da ocupação dos espanhóis, a figura do cacique como líder das aldeias. Já era mencionada pelos padres jesuítas no século XVI. Os jesuítas explicam que existiam duas lideranças no povo Guarani: o líder civil, constituído como cacique, representava, pelo grau de parentesco, a paternidade da organização social e o líder religioso (*karaî*), considerado pelos jesuítas como feiticeiro, chamado também pelos etnólogos de *xamã*, era o que possuía maior poder no povoado, pelas suas demonstrações de magia (CHAMORRO, 2008).

Hoje, as lideranças Guaranis continuam com os rezadores (líderes religiosos) e os caciques (líderes políticos). Segundo Albernaz (2007), os caciques são escolhidos pela comunidade como o eram tradicionalmente, porém o papel que lhes é dado atualmente se refere às negociações com os não indígenas e a manter um diálogo, porém utilizando projetos articulados que os assessorem politicamente.

Portanto, as lideranças políticas (caciques) e as lideranças religiosas (pajés) estão modificando a sua forma de liderar. Esta nova liderança partiu da “implantação da educação escolar indígena nas aldeias e por meio do contato com os agentes”, tendo como papel a intermediação com os não indígenas, por já possuírem o domínio da língua portuguesa e o conhecimento do mundo dos “brancos” e por priorizarem a atuação do ensino nas comunidades. Além disto, são conhecedores das questões do Estado e a tramitação civil. Por isto, lutam pelos seus direitos e pela conservação ambiental (TEAO, 2015).

PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI

Antes de iniciar os relatos sobre as estratégias psicossociais, ressaltamos que o estudo foi constituído por entrevistas e observações nas comunidades indígenas Avá-Guarani, precisamente na Região Oeste do Paraná, com 13 lideranças caciques,

os nomes citados nos relatos são pseudônimos para preservar suas identidades.

Observa-se nas comunidades dos Avá que existe o resgate da memória histórica na qual os antepassados, que eram líderes, repassaram os seus ensinamentos para outras gerações. Muitas ações das lideranças de hoje são baseadas no comportamento das lideranças antigas.

De acordo com Martins (2015), até hoje ainda estão presentes a religiosidade, os costumes, a cultura e a tradição do que foi ensinado pelos antepassados. A preocupação das lideranças atuais é que esta memória histórica se perpetue.

No processo de escolha de um cacique, é a comunidade que determina aquele que vai assumir o compromisso de atender às necessidades do grupo social. Neste caso, são considerados alguns atributos importantes: o de conduta, o de se posicionar perante as situações de dificuldade de trabalho, o de ajudar nas necessidades das pessoas, além do de despertar a confiança, por ser morador da comunidade e ter descendência.

[...] Eu sempre falo pra outra liderança, nós liderança que tem que unir, porque nós somos responsáveis, porque nós somos pai dentro da família (Cacique Kaluanã).

O cacique Kaluanã menciona, em suas conversas, que ele precisa ser como um pai para a comunidade, aquele que ajuda, aconselha, tem diálogo e paciência, porque é responsável por todos. Schaden (1974) comenta que o cacique é considerado como o pai da comunidade porque exerce a ordem e defende os interesses de seu povo, além de resolver os principais problemas da comunidade.

As lideranças apresentaram em seus relatos as preocupações e os anseios para o futuro das suas comunidades, no que diz respeito aos seus territórios e às condições de melhorias para que possam viver com dignidade. Os anseios dos caciques para as suas comunidades estão atrelados ao futuro das crianças e dos jovens, às gerações futuras das comunidades que, para Albernaz (2009), são projetos para o futuro de todos na comunidade.

Para entender as estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-Guarani, destacamos a ideia de vida em grupos, em comunidades. Quando dessa vivência, surgem familiaridades, solidariedade e participação. É do consenso de todos preservar as tradições e a cultura.

Isto retrata a história de como, pelas interações sociais, criaram-se as representações, ou seja, as lideranças de grupos, que fortaleceram as formas de vida, em busca de seus interesses. Estas ideologias trouxeram as transformações da humanidade e repercutiram em visões de mundo, características de cada grupo. Martin-Baró (1998) explica que a ideologia possibilita o controle, a ordem e assim se mantém, fazendo com que os indivíduos altem em si as mesmas aspirações e necessidades de um grupo, modificando o seu comportamento e a sua conduta

social.

Desta forma, os Avá-Guarani alimentam as aspirações de conduzir as suas comunidades mediante o compromisso de conseguir o que necessitam, conforme a fala dos caciques sobre as estratégias para a busca dos direitos da comunidade.

O direito da comunidade [...] tem que tomar providência com documento, levar encaminhamento pra garantir fundos. [...] Então nós levamos um documento pro pessoal da justiça, pro pessoal de órgão de competência, seja pra resolver na região as necessidades de nós Guarani (Cacique Moacir).

É assim que os movimentos sociais ocorrem e os propósitos de um povo se intensificam. Por isto, é determinante que, no estudo da psicologia social, a relação do indivíduo com a sociedade seja pelo seu processo histórico, subjetividade, forma cognitiva e interpretações da realidade, pois são consideradas características próprias de um povo.

O argumento das mudanças, como forma de resistência, cria como estratégia que incumbe a articulação política para a cobrança dos direitos.

[...] se você não tem estudo você não aprende, e se tem estudo também você tem que aprender éh, tem que estudar e aprender ler e escrever e mais pra frente vai servir como defensor né. O indígena vai defender os seus direitos, tudo isto através do estudo, nós aprendemos (Cacique Kaluanã).

As articulações, segundo o cacique Kaluanã frisa, é a necessidade do estudo para compreender as legislações, para defender os direitos e também para conhecer a cultura dos não indígenas. O estudo também é uma forma de conscientização em prol da realidade em que estão inseridos, pode ser um caminho para a não alienação e um meio de entendimento do processo de dominação da sociedade capitalista. Relacionado à conscientização, Martin-Baró (1998) explica que a questão de perceber a realidade à sua volta e ter consciência dos problemas sociais é a forma pela qual acontece a transformação social.

As estratégias de resistência indígena trazem consigo uma história que se inicia com a colonização dos portugueses em terras brasileiras. Neste ato de proximidade entre índios e brancos, houve a violação de direitos, que até hoje são reivindicados. Por isto se criou a resistência dos povos indígenas. Os fatos que marcaram este contexto de resistência estão vinculados tanto à desapropriação de territórios quanto à dizimação de povos acometidos por genocídio e violência, contribuindo para criar estratégias de defesa que continuam na sociedade contemporânea (BRESLER, 2000; LEMOS; GALINDO, 2013).

No entendimento do processo histórico, o cacique Kaluanã menciona a importância do conhecimento da história para que as ações aconteçam e sejam realmente mais bem articuladas, em termos de luta por direitos.

Precisa ter conhecimento, tem que ler a história, história do Brasil. [...] Através da história a gente aprende, onde que nasci, onde que meu avô andava, onde que meus avós antigamente ocupava, o rio. [...] História de vida, então por aí a gente pode conseguir. Então na verdade a pessoa tem que ter conhecimento (Cacique Kaluanã).

A respeito do conhecimento, o cacique Kaluanã argumenta que é preciso resgatar a memória do povo, conhecer a história do país, do seu local e também da sua própria existência. Pelo relato do cacique é importante ter este conhecimento para poder argumentar quando for negociar e lutar pelos direitos. Com este conhecimento da história é possível saber onde viveram os antepassados, onde estão enterrados e esta seria a prova de que realmente os territórios lhes pertencem. Segundo Montero (2006), conhecer a história pessoal e também a da comunidade, em que está inserido, é fundamental porque abre a consciência e também estimula a reflexão sobretudo o que está à sua volta, além de contribuir para a construção social das relações e para a transformação social.

Estas estratégias de resistência, apoiadas pelo processo histórico, prevalecem como estopim para que os indígenas Avá-Guarani não percam a sua essência, defendam os seus direitos e conservem a sua forma de vida. Segundo Melià (1990) os Guarani conduzem, pela natureza do seu ser, a espiritualidade marcada pelo simbolismo, ou seja, a dança, o canto e os costumes, todos apresentados na comunidade e na Casa de Reza, considerada lugar sagrado. Este simbolismo é uma forma de estratégia de resistência porque representa as práticas do povo Guarani.

Estas práticas da religiosidade são consideradas como estratégias psicossociais de resistência devido à identidade dos Avá-Guarani, que prevalece até hoje. É o pertencimento dos indígenas à comunidade, é a sua representação social quando da participação nas práticas sociais.

Segundo Bresler (2000), as resistências dos indígenas brasileiros foram assim geradas mediante a discriminação das suas práticas sociais e também pela posição europeia de fomentar a cultura trazida de seus locais para as terras brasileiras. A partir deste ensejo, por não atribuir valor ao modo de vida indígena, a sociedade passou a ignorá-los como organização e isto provocou um retrocesso psicossocial para estes povos, que, apesar de se constituir em comunidades, seguem na luta pelo pertencimento e reconhecimento diante do mundo moderno.

Os povos indígenas da etnia Guarani trazem estas resistências com fortalecimento porque a aceitação de um processo universal, que ignora as suas práticas, se torna intolerável. Segundo Oliveira (2014), diversas estratégias foram utilizadas pelo povo Avá-Guarani do Oeste do Paraná, como a modificação das ocupações nas aldeias, a reivindicação de legitimidade dos territórios, as denúncias das violências sofridas, os pedidos de auxílio, entretanto, desde o processo de

esbulho, estas estratégias, consideradas como práticas dos indígenas Guaranis, ainda não repercutiram em benefício para com as demarcações territoriais e a reconquista dos direitos originais.

Enfatizando as questões de legitimidade e de demarcação dos territórios, os Avá-Guarani procuram atrelar as suas estratégias à luta em relação à demarcação, para que possam cobrar das autoridades os seus direitos como cidadãos. Esta posição é citada pelo cacique Cauê:

[...] a gente luta pela justiça, mas a gente não consegue nada, não tem retorno, tudo por causa da falta de uma área documentada. Tem que ter uma área demarcada, pra que nós possa adquirir qualquer coisa, qualquer projeto (Cacique Cauê).

Segundo Lemos e Galindo (2013), os indígenas Guaranis não reivindicam somente os seus territórios, mas a permanência de sua etnia, a forma econômica de vida, o uso dos recursos naturais, para o bem coletivo de subsistência, para apenas suprir suas necessidades. São frustrações que estes povos sentem perante a civilização, porque rios são desviados de seus cursos, florestas são assoladas, deixando rastros que comprometem o futuro dos povos indígenas, que necessitam dos recursos para sobreviver.

Assim, as estratégias psicossociais das comunidades indígenas são envolvidas pelo processo histórico e pela realidade social em que os indivíduos estão inseridos. As resistências são as consequências do conhecimento, da reflexão e da consciência das ações acometidas por regras severas, marcadas pela violência de seus povos, que constantemente precisaram modificar as suas rotinas devido às situações de opressão.

Diante de várias situações de descontentamento, uma das estratégias psicossociais de resistência que os povos indígenas da etnia Guarani utilizam, é a língua falada em seus meios, porque na sociedade o que predomina é a língua portuguesa, trazida pelos portugueses durante o processo de colonização. No entanto, a língua Guarani prevaleceu e prevalece como efetiva na oralidade das comunidades indígenas, que se enquadram nesta etnia. É a forma que os povos encontram para interagir entre si sem a utilização da língua portuguesa, à qual a sociedade está atrelada. Seguem as falas dos caciques entrevistados sobre a língua praticada nas comunidades:

O Guarani dificilmente perde a língua, talvez porque ele já nasce com a língua, com a fala dele já, e na família mesmo ensina e nunca ele vai esquecer (Cacique Kaluanã).

Vai na escola fala assim no idioma do branco, mas voltou pra casa fala a mesma língua nosso idioma (Cacique Jandir).

A comunicação dentro das comunidades é feita com a língua Guarani. Os caciques Kaluanã e Jandir explicam que a língua deve ser mantida e aprendida desde criança, para que prevaleça. A língua portuguesa se aprende fora das aldeias, porque é necessária quando se estuda fora da aldeia, mas a língua materna sempre será o Guarani.

Sobre as relações com outros caciques, foi praticamente unânime a aprovação, pela expectativa positiva de se reunirem, de discutirem problemas das comunidades, de terem estas interações sociais. Além disto, as lideranças acreditam ser necessária a união de todos para atribuir força para a luta pelos direitos. Esta estratégia foi efetuada no passado e resultou na conquista de território. Por isto hoje se utiliza a união dos caciques de vários *tekoha* para que sejam fortalecidas ações em prol de objetivos comuns.

Estes objetivos são de conseguir: escolas nas aldeias, atendimento de saúde, melhorias nas moradias, água potável, entre outros. Com isto, apresentamos a explanação que os caciques colocaram como relevante na união de lideranças:

Aqui é tudo parceiro. Sempre quando sai reunião nós tá tudo junto e pedimos algum projeto tudo junto. A gente faz reunião, e quando sai reunião a gente junta tudo, são 14 lideranças, porque aldeia é só uma aldeia só que se chama *Tekoha Guasu Guavirá* né. Então faz planejamento pra fazer demarcação né (Cacique Ubiratan).

Somos unidos. [...] eh, conversamos pra ficar mais unidos, entre os caciques entre as comunidades. Porque tem de outra comunidade também sempre foi nas minhas aldeias, ou vem de lá aqui, nós conversamos tudo junto (Cacique Yakecan).

Conforme citado pelos caciques, a interação entre eles acontece sempre, desde para reuniões sobre discussões, relacionadas a direitos, até para comemorações, festejos e outros. Na verdade, as visitas entre parentes fazem parte do modo de ser do Avá-Guarani. Eles gostam de viagens para outros locais, para visitar parentes de outras comunidades.

Neste ensejo, Guanaes (2015) comenta que as lideranças se reúnem sempre que podem, em cerimônias e eventos grandes, nos quais todos se encontram e deste modo “reforçam suas origens comuns, suas relações de parentesco e consanguinidade, seus rituais e crenças, suas redes sociais e políticas, e compartilham saberes e experiências de lutas e resistências” (p. 317).

Estas relações sociais dos caciques geram resultados positivos que são contados pelo cacique Rudá:

Organização de cacique agora começou também no Paraná inteiro, a gente conseguiu, já teve isto né. [...] E agora começado, a gente montou a primeira comissão daqui desta região, região do Oeste né. A gente fazia reunião dos só Guarani, desta região só. Mas agora a gente agora conseguiu reunir de novo Paraná inteiro [...] pra poder ter mais força, mais voz né, pra pode lutar né, ir lá e enfrentar qualquer coisa né. [...] esta união da liderança né, e bem forte, e acho

que agora a liderança ficou mais forte ainda, mais confiante em qualquer coisa. [...] através desta união a gente fica mais forte pra cobrar né (Cacique Rudá).

As articulações dos caciques estão trazendo o fortalecimento político das comunidades Guaranis, que estão se unindo com outras etnias em busca de seus direitos e de melhorias na qualidade de vida de seus povos. Benites (2012) comenta que as articulações entre lideranças são importantes porque fortalecem os propósitos das comunidades e trazem resultados, como as demarcações de terras, devido ao processo de resistência. Além disto, estas alianças também mantêm fortalecida a identidade de seus povos, porque são encontros que repercutem nas práticas de rituais religiosos e na discussão sobre a recuperação dos direitos violados.

São também estratégias políticas de resistência, pois todos se unem em prol do mesmo objetivo, como o cacique Kaluanã comenta em seu relato.

Olha é de vez em quando nós se reúne, nós se reúne falando a parte de luta pela terra, só que a gente também muitas vezes nós se falamos num local. Muitas vezes a gente faz documento [...] nós temos que fazer coisa andar, [...] senão nós que vamos ficar pra trás. Se você não tem apoio você não vai defender (Cacique Kaluanã).

Com toda a situação de movimentos e mudanças, tanto de território quanto de cultura, ocorridas devido ao contato que tiveram com não indígenas, estes povos continuam com estratégias, agora através do conhecimento, em termos de legislações e alianças, porém mantendo os seus costumes e as tradições históricas, ensinadas para as próximas gerações. Trilham este caminho para que não seja perdida a identidade de seu povo. Uma das estratégias utilizadas pelos indígenas, para garantir que seus preceitos sejam aceitos, foi o dialogismo e as alianças com os representantes políticos e não índios, como forma de mostrar os seus argumentos em relação aos anseios de toda a comunidade, bem como as condições a que estão acometidos e os propósitos em termos de harmonizar conflitos (SILVA, 2015).

Enfatizando isto, as alianças com não indígenas estão vinculadas ao que os caciques falam, a seguir:

Nós dependemos do *juruá* [branco], do governo né, da universidade, nós dependemos né, pra mim é muito importante, nós não tá contra tudo os brancos, apenas nós precisa direito e apoio (Cacique Jandir).

O contato é bom [com não indígena], o contato vai ser muito bom porque a tecnologia é muito grande, hoje tudo com tecnologia, então chega também na aldeia. [...] aí a gente pode conhecer qualquer coisa do passado [...] através do estudo, através do não indígena nós chegamos a aprender isto (Cacique Kaluanã).

Segundo a percepção dos caciques Jandir e Kaluanã, o contato com não indígena é bom porque, através dos brancos, se consegue algumas articulações

políticas. É citado o papel do não índio na escola, no conhecimento do passado do povo, no aprendizado pelo estudo. Outro ponto é o uso da tecnologia, que hoje também está presente nas aldeias. Por isto a aliança e o contato são relevantes, além de ser uma estratégia para posteriormente gerar a defesa dos interesses da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indígenas tem uma forma de liderar que está atrelada ao entendimento de família, que remete às necessidades de todos com o objetivo de exercer a partilha, prevalecendo o projeto de vida do grupo social como um todo. Percebemos, já de início, que se tratava de uma liderança bem particular, porque raramente vemos esta realidade de vida pela coletividade em nossos contextos formais não indígenas.

Quando se trata de estratégia, a maioria das lideranças deixa claro que a língua é a mais relevante, em suas articulações políticas, porque a utilizam nos discursos e nas discussões entre comunidades. Outro ponto que entendemos, logo nas primeiras abordagens discursivas, foi como são consideradas as lideranças. Os caciques são escolhidos pelas comunidades, levando em consideração a sua boa conduta, o seu compromisso em auxiliar o seu povo, a desenvoltura com que articulam politicamente com os não indígenas, além da forma como buscam suprir as demandas das comunidades.

As estratégias de resistência das lideranças Avá-Guarani também estão atreladas: a como lutar contra as dominações da cultura do “branco”, para proteger a memória de seus povos; à busca do reconhecimento de seus territórios, para que seus direitos retornem no sentido de amenizar o que ocorreu no passado; à garantia de permanência da cultura e dos costumes nas gerações futuras e ao dialogismo político em prol da melhoria de condições de vida para todos na comunidade.

Outra forma de estratégia que a maioria das lideranças Avá-Guarani cita é a união entre todas estas lideranças, principalmente no âmbito político, porque acreditam que se estiverem unidos terão mais força para cobrar os direitos. Desta maneira, os caciques se encontram periodicamente para discutir os propósitos em comum que são: reaver os seus territórios de origem, trazer melhor infraestrutura para as suas comunidades, manter as suas culturas dentro das aldeias.

A contribuição deste estudo está em olhar para outras formas de vida, em que os indígenas estão inseridos, e perceber que necessitam da atenção para as suas causas. São cidadãos que aspiram por melhores condições de vida para o seu povo. É imprescindível dignificar as nossas ações para contribuir com a resolução dos problemas sociais que acometem o povo Guarani. Podem ser ações representativas que auxiliem a condução das suas formas de vida, que prestigiem as suas práticas

sociais, que estimulem a inclusão social, que não os discriminem.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, A.C.R. Interpretação do mundo e projetos de futuro dos Avá-Guarani de Oco'y. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 146-169, jul./dez. 2007.

ALBERNAZ, A.C.R. **Antropologia, histórias e temporalidades entre os Ava-Guarani de Oco'y (PR)**. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis/SC. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BAINES, S.G. Imagens de liderança indígena e o Programa Waimiri-Atroari: índios e usinas hidrelétricas na Amazônia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 43 nº 2, 2000.

BENITES, T. Trajetória de luta árdua da articulação das lideranças Guarani e Kaiowá para recuperar os seus territórios tradicionais Tekoha Guasu. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.4, n.2, jul.-dez., p.165-174, 2012.

BERGAMINI, C. W. **Liderança: administração do sentido**. São Paulo: Atlas, 1994.

BRESLER, R. R. B.O pai e as organizações: práticas de poder no Brasil. **Organizações & Sociedade**, v. 7, n. 18, 2000, p. 125-140.

CHAMORRO, G. **Terra madura, yvy araguayje: fundamento da palavra Guarani**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008. 368p.

FARIA, J.H; MENEGHETTI, F.K. Liderança e Organizações. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2 n. 2, p. 93-119, jul./dez. 2011.

FREITAS, M.F.Q. Psicologia social comunitária como educação política: resistência e afirmações no cotidiano. **Teoría y Crítica de la Psicología**, 11. 2018, 92-104.

GONÇALVES, M. A.; PORTUGAL, F. T. Alguns Apontamentos sobre a Trajetória da Psicologia Social Comunitária no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012, 32 (num. esp.), 138-153.

GUANAES, S.A. O estado nacional e as políticas desenvolvimentistas: o “cerco articulado” contra os Guarani na Tríplice Fronteira Sul. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 307-336, jan./jun. 2015.

LE MOS, F.C.S.; GALINDO, D.C.G. Massacre e Resistência Kaiowá e Guarani: Interrogações às Psicologias nos Traçados do Intolerável. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2013, 33 (4), p. 976-987.

MARTIN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

MARTINS, E.S. O papel das lideranças tradicionais na demarcação das terras indígenas Guarani e Kaiowá. Campo Grande, MS. **Tellus**, ano 15, n. 29, p. 153-172, jul./dez. 2015.

MELIÀ, B.S.J. A terra sem mal dos Guarani. Tradução: Roberto E. Zwetsoh. **Revista de Antropologia**, (33), 1990.

MONTANEZ, M.V.M.; BERNAL, B.L.; HEREDIA, M.P.G.; PUERTO, C.L. Lo psicosocial desde una perspectiva holística. **Revista Tendencia & Retos**, Nº 12 / Octubre 2007.

MONTERO, M. Relaciones Entre Psicología Social Comunitaria, Psicología Crítica y Psicología de la Liberación: Una Respuesta Latinoamericana. **Psykhe**, vol. 13, núm. 2, noviembre, 2004, pp. 17-28.

MONTERO, M. **Teoría y práctica de la psicología comunitária: la tensión entre comunidad y**

sociedad. 1ª Ed. 3ª Reimp. Buenos Aires: Paidós, 2006. 200p.

OLIVEIRA, D. Os Avá-Guarani no Oeste do Paraná: História e Resistência de um Povo Indígena. *In:___* SOUZA FILHO, C.F.M.; FERREIRA, H.S.; NOGUEIRA, C.B.C. (org.) **Direito Sócio Ambiental: uma questão para a América Latina**. Letra da Lei, 2014. 224 p.

OLIVEIRA, R.C. Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico. Antropologia. **Estudos Avançados**, 14 (40), 2000. P. 213-230.

ROBERTAZZI, M. Psicología social histórica: teoría y construcción de conocimientos. **Espacios en Blanco** - Serie indagaciones - Nº 21 - Junio 2011 (21-58).

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, E. Os índios e a civilização ou a civilização dos índios? Discutindo conceitos, concepções e lugares na história. **Boletim do Tempo Presente**, nº 10, de 01 de 2015, p. 1 – 12.

TEAO, K.M. **Território e identidade dos Guarani Mbya do Espirito Santo (1967-2006)**. (Tese de Doutorado), Niterói, RJ. Universidade Federal de Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 234f, 2015.

WIESENFELD, E. La Psicología Social Comunitaria en América Latina: ¿Consolidación o crisis? **Psicoperspectivas**, Venezuela, vol. 13, n. 2, 2014, p. 6-18.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Elisa Yoshie Ichikawa - Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

Wagner Roberto do Amaral - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-822-9



9 788572 478229